

CAPITAL FINANCEIRO, AGRICULTURA E URBANIZAÇÃO EM MATO GROSSO

Osni de Luna Freire Filho, doutorando e professor substituto da Universidade Federal Fluminense. Instituto de Geociências - Campus da Praia Vermelha
Av. Litorânea, s/n, sala 520 - Boa Viagem. - Niterói - RJ
cep 24030.340. e-mail: olf@br.inter.net

A dinâmica recente de mundialização do capital associada ao processo de tecnificação, cientifização e informatização da agricultura requalificou lugares e permitiu a superação de limites naturais para o cultivo. O cerrado configura-se como um claro exemplo de tal processo, sofrendo um intenso processo de ocupação, especialmente através do cultivo da soja.

Os produtores inseridos nesse contexto de internacionalização devem se tornar cada vez mais competitivos e, para tanto, necessitam atualizar constantemente seu pacote de insumos (máquinas, pesticidas, fungicidas etc.) bem como manter um canal constante de informações sobre preços e mercado.

A competitividade desses produtores está atrelada a um elemento fundamental no processo produtivo, o capital. No caso da agricultura a necessidade de acesso a crédito é constante, de acordo com as safras, busca-se crédito antes de produzir e quita-se as dívidas no período de comercialização. Tal prática é tipicamente urbana e cria um novo elemento nas relações entre cidade e campo, assim o objetivo do presente trabalho é avaliar as diferentes práticas de crédito e como as mesmas requalificam a interação entre campo e cidade.

Avaliaremos então as diferentes formas de concessão, uso e pagamento dos créditos, sejam eles em capital ou em produtos e serviços. Para tanto os principais dados e práticas a serem apresentados foram obtidos em trabalho de campo recente onde foram visitados os municípios de Lucas do Rio Verde e Nova Mutum, ambos em Mato Grosso.

As principais formas de obtenção de crédito são em espécie, oferecido por bancos e empresas multinacionais e o crédito concedido por lojas e estabelecimentos, não se tratando desse do fornecimento de capital, mas sim de acesso a determinados produtos

essenciais ao processo produtivo, negociados em sacas de soja, a serem pagos no momento da colheita. Esse tipo de crédito é altamente praticado nos municípios estudados, sendo até mesmo fornecido pelas redes de supermercado.

O capital financeiro aparece então como sustentáculo da produção sojifeira nessas áreas merecendo destaque por ser um novo elemento na discussão das relações entre a cidade e o campo.

Palavras chave: Agricultura moderna; Crédito; Capital Financeiro; Relações cidade campo

Introdução

O processo de mundialização do capital traz a tona profundas mudanças na agricultura brasileira, especialmente para os cultivos voltados para exportação, sendo esse o ramo no qual tais mudanças se processam com extrema intensidade. Os produtores buscam, frequentemente reduzir os custos de suas lavouras com a finalidade de ampliar sua competitividade internacional e, conseqüentemente suas margens de lucro.

A soja aparece como um dos carros chefes do agronegócio nacional. Podemos destacar seu avanço devastador por sobre as áreas de cerrado e particularmente o estado de Mato Grosso. Essa Unidade da Federação é, atualmente, a maior produtora desses grãos no país e tem seus antigos domínios de pecuária e cerrado dominados por produtores, que cultivam em grandes extensões de terras e por traddings que atuam na comercialização desses grãos, todos apoiados pelo Estado nacional.

As áreas consideradas consolidadas são aquelas plenamente inseridas no contexto produtivo, onde a soja domina grande parte das terras do município e a economia local encontra-se profundamente integrada ao campo e ao contexto internacional, formando verdadeiros nós das redes de circulação de mercadorias, produtos e serviços.

A consolidação dessas áreas não elimina a busca pelo aumento dos lucros, as praticas mais evidentes desse processo são a crescente cientifização da agricultura

através da incorporação de uma diversidade cada vez maior de insumos e a busca de uma maior diversificação de atividades econômicas, especialmente a consolidação da cadeia carne-grãos, que visa não apenas o benefício dos grãos colhidos mas sua integração com a pecuária intensiva para uma maior agregação de valor.

A sobrevivência dos produtores nesse contexto altamente competitivo está intimamente ligada à suas possibilidades de renovação e absorção de inovações tecnológicas, as quais aparecem como um alto custo no processo produtivo, aumentando a dependência dos produtores com relação ao capital financeiro.

1 - Cidades: os nós das redes

Os sistemas avançados de telecomunicações poderiam gerar a dispersão dos centros de controle e comando que coordenam as atividades das redes de empresas. No entanto, o que acontece é um processo simultâneo de concentração e dispersão de serviços avançados. A dispersão ocorre com relação a alguns serviços avançados, que atingem atualmente parte dos países, à exceção dos “buracos negros” da marginalidade. Por outro lado, a camada superior dessas atividades ainda se concentra em alguns centros nodais de determinados países.

Com a expansão dos mercados é necessária a expansão das atividades de produção e um gerenciamento das mesmas dessa forma ocorre um processo de incorporação de investimentos em algumas cidades. Em muitos casos essas cidades começam a ter relações mais estreitas com outras cidades de outros países que com sua própria região.

Para Castells, o fenômeno da cidade global não pode ser reduzido a alguns núcleos urbanos no topo da hierarquia. É um processo que conecta serviços avançados, centros produtores e mercados em uma rede global com intensidade diferente e em diferente escala.

Os países possuem uma hierarquização interna entre os centros sendo todo o sistema interconectado em âmbito global. Os territórios em torno desses nós desempenham uma função cada vez mais subordinada, às vezes, perdendo importância (ou até mesmo função).

Saskia Sassen tem uma importante contribuição nessa discussão, para ela, as cidades exercem quatro funções primordiais.

1 – Pontos de comando altamente concentrados na organização da economia mundial.

2 – Localizações chaves para empresas financeiras e de serviços especializados.

3 – Locais de produção.

4 – Mercado para os produtos e inovações produzidos.

Por fim, destacamos outros motivos que revelam o destaque das cidades, são eles: a importância dos contatos pessoais (inclusive com relação a acordos marginalmente ilegais), a importância do “status social” de uma classe de profissionais de níveis superior que buscam escolas de qualidade, serviços personalizados e consumo (inclusive de arte e entretenimento).

Segundo Castells, o espaço de fluxos é a organização material das praticas sócias de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Para ele, esse espaço se divide em circuito de impulsos eletrônicos (fluxos), sendo esse o suporte material de pratica simultâneas onde as posições são definidas por fluxos; nós e centros de comunicação (lugares) e na atuação das elites gerenciais dominantes que exercem funções direcionais em torno das quais esse espaço é articulado. Castells destaca que o espaço de fluxos não é a única lógica espacial de organização da sociedade, no entanto é a lógica espacial dos interesses dominantes.

Essas classes possuem uma forte capacidade organizacional sendo capazes de desorganizar grupos da sociedade que possuem maioria numérica e vêem seus interesses parcialmente atendidos. Castells não vê a existência de uma “elite do poder” que conspire para que as classes mais baixas não adentrem em suas estruturas, para ele a verdadeira dominação social provém de códigos culturais que estão embutidos na estrutura social.

2 - Seletividade da técnica e capital

Os objetos técnicos não estão uniformemente espalhados; essa heterogeneidade vem de sua diferente difusão no tempo e no espaço. Os objetos técnicos devem ser

estudados analisando-se o seu entorno, pois os mesmos não estão dissociados da realidade presente no local, assim como cada objeto é apropriado de modo diferente, segundo as realidades do espaço no qual ele está inserido. Assim, “é o espaço que determina os objetos: o espaço visto como um conjunto de objetos organizados segundo uma lógica e utilizados (adicionados) segundo uma lógica” (SANTOS, 1999:34).

Para Santos, “antes eram apenas as grandes cidades que se apresentavam como o império da técnica”; no entanto, “esse mundo artificial inclui hoje o mundo rural” (1999: P.190) e este é marcado cada vez mais por objetos técnicos estranhos ao meio natural. Nesse sentido, para nossos estudos, destacamos a importância da cidade como concentradora e difusora dos objetos técnicos a serem utilizados no campo.

O processo de transformação da base técnica denominado modernização da agricultura tem em Mato Grosso sua evidência mais extrema na paisagem. Tal processo, culmina na industrialização da agricultura, representada pela subordinação da natureza ao capital.

A liberação da produção agropecuária das condições naturais dadas através da fabricação de condições ideais para o cultivo se dá sob a égide do capital que, ao ser investido em técnicas modernas torna o homem capaz de alterar aspectos que antes eram impeditivos à produção, assim se torna possível a adubação e correção de solos infertéis, irrigação de áreas secas e criação condições de maior previsibilidade quanto a rendimentos e mesmo problemas naturais. Esse processo rompe com a necessidade de um aumento expressivo de área para maiores produções, uma vez que o rendimento se torna um fator fundamental sob essa ótica. Produz-se mais em menos espaço.

Tal processo de tecnificação agrícola gera uma integração cada vez maior entre agricultura e indústria. Novos grupos surgem e o Estado tem novas atuações. A acumulação industrial passa a determinar os padrões produtivos do campo. Nesse contexto o Estado aparece como responsável pela criação de infra-estruturas que possibilitem a integração entre os dois setores (GRAZIANO DA SILVA, 1996).

A produção agrícola tornou-se um elo de uma cadeia que só pode ser efetivado pela implantação da indústria para a agricultura, que será responsável pelo

fornecimento de máquinas e insumos agrícolas. Concomitante a esse processo temos o desenvolvimento das indústrias de beneficiamento de produtos primários, setor que será responsável pela absorção da produção dessas atividades rurais.

Graziano da Silva afirma que essa é “uma dinâmica que não pode mais ser apreendida só a partir dos mecanismos internos da própria atividade agrícola (como a propriedade da terra, a base técnica da produção, a fronteira) e nem a partir da segmentação do mercado interno x externo” (1996 p.25).

O capital aparece como elemento que dá unidade às atividades ligadas aos complexos agroindustriais. A compra de insumos por agricultores, por exemplo, implica de imediato a necessidade de financiamento e, nesse sentido, aparecem os bancos e as grandes corporações (que absorvem a produção para suas unidades fabris ou mesmo para a comercialização) que atuam também como financiadores da produção. Segundo Graziano da Silva “a modernização da agricultura requer a existência de um sistema financeiro constituído” (p.26).

O desenvolvimento da agricultura não é mais autônomo e passa a depender da dinâmica da indústria afinal, grande parte das atividades agrícolas está integrada às indústrias, tendo seu funcionamento determinado de forma conjunta, não acontecendo sem uma profunda integração com a economia urbana e, segundo Elias, “quanto mais moderna se tornava a atividade agropecuária, mais urbana se apresenta sua regulação” (2003 p. 188).

As atividades de regulação da produção são acompanhadas de uma necessidade de ampliação da oferta de produtos e serviços voltados a produção sojifera, máquinas, adubos, defensivos e consultorias diversas devem estar disponíveis para os produtores capitalizados nas áreas urbanas, “a cada sopro de modernização das forças produtivas agrícolas, as cidades se tornavam responsáveis por responder às demandas crescentes de uma série de novos produtos e serviços, dos híbridos à mão-de-obra especializada” (Elias, 2003p. 188).

Além dessa demanda de um consumo voltado ao processo produtivo, devemos ressaltar que a produção sojifera é geradora de grandes rendas, geralmente concentradas nas mãos de produtores, prestadores de serviços e mão-de-obra

especializada e, tais atores, irão demandar um consumo de artigos e serviços de alto valor.

Elemento fundamental para a produção agrícola o crédito aparecem, em primeira instância como capital, fornecido por bancos e multinacionais sendo revertido em insumos, salários e demais necessidades do processo produtivo.

A tabela I aponta o volume de crédito nos municípios de estudo em 2000 e 2002 segundo as atividades e a finalidade.

Financiamentos (R\$) concedidos à produtores e cooperativas, finalidade e atividade por município, MT/2002								
Municípios	Custeio		Investimentos		Comercialização		Total	
	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor	Contratos	Valor
Lucas do Rio Verde	472	40.897.472,97	261	18.891.031,95	9	16.824.794,21	742	76.613.299,13
Agrícola	415	38.683.840,54	258	18.663.719,47	9	16.824.794,21	682	74.172.354,22
Pecuária	57	2.213.632,43	3	227.312,48	-	-	60	2.440.944,91
Nova Mutum	550	41.465.785,93	225	18.658.459,92	14	2.095.331,94	789	62.219.577,79
Agrícola	393	38.215.110,84	220	18.189.301,47	13	2.060.000,00	626	58.464.412,31
Pecuária	157	3.250.675,09	5	469.158,45	1	35.331,94	163	3.755.165,48
Financiamentos (R\$) concedidos à produtores e cooperativas, finalidade e atividade por município, MT/2000								
Lucas do Rio Verde	372	18.551.925,81	163	7.722.512,16	84	3.416.751,95	619	29.691.189,92
Agrícola	333	17.607.581,33	161	7.626.512,16	4	879.657,40	498	26.113.750,89
Pecuarío	39	944.344,48	2	96.000,00	80	2.537.094,55	121	3.577.439,03
Nova Mutum	291	16.825.795,80	140	11.028.088,12	63	2.417.929,63	494	30.271.813,55
Agrícola	226	15.889.030,24	128	10.644.427,75	10	1.518.157,02	364	28.051.615,01
Pecuarío	65	936.765,56	12	383.660,37	53	899.772,61	130	2.220.198,54

Fonte: Bacen: anuário de crédito rural

O Primeiro aspecto de destaque da tabela diz respeito à disparidade entre o aumento do número de contratos e do valor recebido, o total de contratos de Lucas do Rio Verde teve um aumento de 19% enquanto o volume de capital cedido sofreu um aumento da ordem de 158%, no caso de Nova Mutum a disparidade foi menos significativa, sendo da ordem de 60% para o número de contratos e cerca de 100% para os financiamentos.

Outro aspecto a ser destacado na tabela diz respeito ao item custeio da produção agrícola, sendo esse o item com o maior volume de capitais para o financiamento, no entanto merece maior destaque a média de cada contrato, que demonstra uma forte tendência a grandes contratos de comercialização, uma vez que em média, os contratos de custeio ficam em torno de R\$ 93.000 já os de comercialização tiveram valores em média de R\$ 187.000, o que demonstra uma possível “fuga” dos produtores mais capitalizados da venda de seus grãos para as grandes holdings.

Apesar do aumento dos valores financiados para venda, os produtores mato-grossenses ainda optam pelos créditos fornecidos pelas grandes multinacionais, raramente recorrendo ao Banco do Brasil, mesmo com as práticas de juros mais baixos deste. Tal opção ocorre devido a burocracia e elevado número de documentos solicitados para a liberação do capital por parte desses bancos.

Delgado (1985), já apontava para tal fenômeno ressaltando que a interdependência agricultura / indústria favorece os processos de integração de capitais a partir da centralização de capitais industriais, bancários, agrários etc., expansão de sociedades anônimas, cooperativas agrícolas, empresas integradas verticalmente (agroindustriais ou agrocomerciais), assim como a organização de conglomerados empresariais por meio de fusões, organização de holdings, cartéis e trustes, com atuação direta nos CAIs, no momento que os interesses das grandes corporações se apropriam do processo de produção agrícola

As grandes corporações como ADM, Amaggi, Cargil e Bunge possuem juros bem mais elevados (cerca de 13 a 14% contra os 7% do Banco do Brasil), no entanto não existem empecilhos para a liberação do crédito, para isso, basta que o produtor já tenha vendido alguma safra ao grupo e que garanta a venda de sua soja para o mesmo. Tal processo leva a chamada integração, descrita por Alberto Passos Guimarães e já apontada, no caso de Mato Grosso por Aracri (2006) onde o produtor passa a ser responsável por suprir uma série de exigências do comprador entrando em uma roda-viva, onde o custo para o atendimento das exigências torna-se cada vez mais elevado e, simultaneamente sua dependência pelo crédito fornecido pelas grandes *Tradings*.

Além do crédito fornecido em espécie, outras práticas são adotadas pelos produtores e empresários urbanos de Mato Grosso, uma prática de grande importância que ocorre nesses espaços urbanos é o crédito concedido por lojas e estabelecimentos, sejam eles revendas de insumos, ou até mesmo supermercados.

Não se trata do fornecimento de capital em troca do mesmo valor acrescido de juros, mas sim de acesso a determinados produtos essenciais ao processo produtivo negociados em sacas de soja a serem pagos no momento da colheita.

Diversos são os estabelecimentos que realizam esse tipo de prática e ao receberem o pagamento operam sua troca por capital por mecanismos diversos, alguns recebem o pagamento em valor equivalente em dinheiro, outros revendem os grãos recebidos para as tradings e uma outra prática interessante é a exportação direta por parte desses comerciantes que comercializam seus grãos através da bolsa de Chicago.

Esse tipo de crédito é altamente praticado nos municípios estudados, sendo até mesmo fornecido pelas redes de supermercado, uma vez que a alimentação dos funcionários que residem nas fazendas e de responsabilidade do proprietário, sendo também parte do custo do processo produtivo.

A recente crise do agronegócio gerou uma retração em tal prática no último ano, no entanto acreditamos que a mesma não cessou, apenas diminuiu, devendo ser retomada em breve.

A produção realizada da porteira para dentro jamais poderia ser operacionalizada sem o mundo de relações que se estabelecem do lado de fora das propriedades. Abordaremos aqui algumas das diversas atividades em questão.

A mecanização aparece em muitos discursos sobre o cerrado como um dos elementos essenciais da ocupação do mesmo, as extensas áreas planas que favorecem o melhor aproveitamento das máquinas constituem um dos elementos que ajuda a diminuir os custos de produção.

As maiores empresas de maquinário agrícola mundial estão presentes nos municípios de estudo, com destaque especial para a americana? John Deere e a holandesa? New Holland.

A presença da assistência técnica dessas empresas é essencial, uma vez que o maquinário é um investimento de oneroso e qualquer quebra do mesmo em meio a uma colheita pode ser altamente prejudicial.

Os fertilizantes e agrotóxicos aparecem como elementos essenciais para a potencialização das vantagens do quadro natural dos cerrados. A luminosidade e as imensas extensões planas favorecem as condições para a produção em escala, no entanto o solo as deficiências nutricionais do solo fazem com que o mesmo necessite de correções, sendo os elementos necessários para as mesmas oriundos do comércio urbano.

Nesse sentido vale salientar a novamente a importância das redes uma vez que os nutrientes necessários são oriundos de diversos países, entre eles Israel e Rússia.

O óleo diesel aparece como elemento fundamental no processo produtivo e seu custo tem forte implicância na competitividade da soja matogrossense. Além de interferir profundamente nos custos de frete, seja nos produtos consumidos seja no escoamento da produção, o diesel é um elemento dos custos produtivos e usado em larga escala nas fazendas, especialmente para o abastecimento dos tratores, colheitadeiras e plantadeiras.

Destacamos aqui outra forma de dependência dos produtores com relação ao capital financeiro, as TRRs, empresas com escritórios urbanos voltadas para o abastecimento de óleo diesel dos produtores, os preços praticados pelas mesmas chegam a cerca de R\$0,15 a menos que os postos. Tal diferença pode, a primeira vista parecer irrelevante, no entanto o volume consumido pelos produtores é grande, chegando a cerca de 10.000 litros, assim as vendas através das trrs geram uma redução de cerca de R\$1.500,00 nos custos do produtor. Tais empresas também negociam com mercado futuro, seja para pagamento com juros seja para pagamento em produtos.

Considerações finais

Apontamos aqui para algumas práticas urbanas e financeiras utilizadas para o suporte e financiamento da produção agrícola altamente tecnificada que ocorre no estado de Mato Grosso.

Os espaços requalificados sob essa nova ordem atendem aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. Essa nova organização do meio geográfico, o meio técnico-científico-informacional, tende a ser universal, mesmo em manifestações pontuais ele se inter-relaciona com outras áreas através da presença das redes.

No caso da entrada da soja em nossa área de estudos, seu movimento de expansão está muito relacionado com a sua valorização no mercado mundial, criando-se os mercados consumidores que passam a demandar uma produção maior e um custo menor, fazendo com que a mesma se difunda por diferentes locais do território, já que o desenvolvimento de determinadas técnicas permite que barreiras naturais, como a deficiência do solo, sejam superadas e, em alguns casos, condições naturais sejam usadas em favor da produção, como o regime regular de chuvas. Todo esse aparato técnico a ser usado no campo necessita da presença de espaços urbanos, para que os mesmos exerçam a função de reguladores da produção.

Esses centros urbanos se integram a redes nacionais e globais de circulação e estão cada vez mais articulados à economia e técnicas mundiais. Esse processo não se dá de forma homogênea, alguns locais estão submetidos a uma situação marginal em toda essa dinâmica. Essa situação cria uma re-hierarquização dos lugares, onde a urbanização se intensifica e tem seu processo acelerado.

Bibliografia

Aracri, Luis Angelo dos Santos. 2006. Informatização do cultivo da soja em Mato Grosso e seus impactos territoriais. In: FREIRE FILHO, Osni de Luna; Bernardes, Júlia Adão. 2006. *Geografias da soja: BR-163 – fronteiras me mutação*. Rio de Janeiro. CNPq / Arquimedes Edições.

Bernardes, Júlia A. 2003 “Fronteiras em Mutação no Mundo da Soja: Logística e Biotecnologia”. Relatório de pesquisa, CNPq.

_____. 1998. Técnica, trabalho e espaço. As incisivas mudanças em curso no processo produtivo In: CASTRO, In  E. de; MIRANDA, Mariana; EGLER, Cláudio A. G., (coords.). *Redescobrimdo o Brasil*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil,

_____. 1996. As estratégias do capital no complexo da soja. In: CASTRO, I. E. de, GOMES, P. C. da C. e CORR EA, R. L. (coords.). *Brasil, questões atuais da reorganiza o do território*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

Brum, Argemiro Jacob, 1985. Moderniza o da agricultura: Trigo e Soja. Ed. Vozes, Petrópolis. Págs. 37 – 85.

Caracteriza o e tendências da rede urbana do Brasil: desenvolvimento regional e estrutura o da rede urbana / IPEA, IBGE, UNICAMP, IE, NESUR. Brasília: IPEA, 2001 volumes 2, 3 e 4.

Castells, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Corrêa, R. Lobato. 1969. Estudos das rela oes entre cidade e região. In. *Revista Brasileira de Geografia*, 31 (1)

Elias, Denise. 2003. Globaliza o e Agricultura: A região de Ribeirão Preto. (caps. 4 e 5). São Paulo, EDUSP.

Freire Filho, Osni de Luna. 2004. Hierarquia Urbana e Moderniza o da Agricultura na BR 163, MT. Disserta o de mestrado. PPGG / UFRJ, rio de Janeiro

Freire Filho, Osni de Luna; Bernardes, Júlia Adão. 2006. *Geografias da soja: BR-163 – fronteiras me muta o*. Rio de Janeiro. CNPq / Arquimedes Edi oes.

Guimarães, Alberto Passos. 1982. *A crise agrária*. Rio de Janeiro Paz e Terra.

- Lima,IVALDO. 2004. Escalas insurgente na Amazônia Brasileira. *In: Limonad, E. Haesbaert, R. Moreira, R. (orgs) Brasil século XXI. Por uma nove regionalização?* São Paulo: Max Limonad.
- Mazzali, Leonel. O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”. São Paulo: Editora unesp, 2000.
- Santos, Milton. 2003. O Brasil. Território e sociedade no início do Século XXI. (cap. V) São Paulo, Record, 5ª Ed.
- _____. 1996 *A natureza do espaço*. São Paulo, Hucitec.
- _____. 1994 *A urbanização brasileira*. São Paulo, Hucitec.
- Silva, Carlos Alberto Franco da. 2003. *Grupo André Maggi: corporação em rede em áreas de fronteira*. Cuiabá: Entrelinhas.
- Silva, José Graziano da. 1996 *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. Capítulo 1. Campinas, unicamp,.